

UMA PESQUISA SOCIOPÓÉTICA

Organizadores

JACQUES GAUTHIER
REINALDO MATIAS FLEURI
BELENI SALÉTE GRANDO



*O índio, o
negro e
o branco no
imaginário de
pesquisadores
da área de
educação*

COLEÇÃO
CADERNOS
CED

ca Fleuri

ri 617 u

L

Sumário

Apresentação	
Reinaldo Matias Fleuri.....	07
CAPÍTULO 1	
A Sociopoética	
caminho pela desconstrução da hegemonia instituída na pesquisa	
Jacques Gauthier.....	15
CAPÍTULO 2	
O Branco, O Índio e o Negro	
paradoxos suscitados numa "pesquisa sociopoética"	
Valmor João Umbelino.....	41
Resposta ao Valmor	
Beleni Saléte Grando.....	50
CAPÍTULO 3	
Negro, Índio, Branco...	
Crítica da razão excludente: uma vivência sociopoética	
Jacques Gauthier	55
CAPÍTULO 4	
A Linguagem não verbal na construção do conhecimento	
uma vivência sociopoética	
Beleni Saléte Grando	
Suzy de Castro Alves	
Vilmar Silva.....	73
CAPÍTULO 5	
Religiosidade: para o bem ou para o mal ?	
Valdo H.L. Barcelos	85

CAPÍTULO 6

A Reciprocidade de olhares entre diferentes culturas

Implicações para a construção da identidade pessoal
e do pertencimento coletivo

Reinaldo Matiais Fleuri.....101

CAPÍTULO 7

A Solidariedade intercultural do ponto de vista do grupo-pesquisador

Valmir Coelho Ludvig111

Referências Bibliográficas117

Apresentação

Reinaldo Matias Fleuri¹

A *Sociopoética*, proposta de pesquisa criada por Jacques Gauthier, abre uma nova perspectiva teórico-metodológica no campo da educação popular. Porque propõe um processo grupal de produção do conhecimento, em que todos os integrantes se constituem como co-pesquisadores. Porque valoriza as categorias e os conceitos produzidos pelas culturas dominadas e de resistência. Porque considera o corpo como fonte de conhecimento: para além da imaginação, da intuição e da razão – processos de conhecimento largamente utilizados em nossa cultura – explora o potencial cognitivo das sensações, da emoção e da gestualidade. Porque promove a criatividade artística no aprender, no conhecer e no pesquisar. E porque enfatiza a dimensão espiritual, humana e política da construção dos saberes.

No início de 1999, pudemos compartilhar com Jacques Gauthier uma experiência de pesquisa sociopoética em Florianópolis. O contexto institucional foi oferecido pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Propusemos um “seminário especial”, em duas etapas: uma semana em abril e outra em julho.

Já no primeiro encontro, os inscritos foram convidados a instituir um grupo com a intenção de produzir uma pesquisa, culminando com a publicação coletiva, que resultou neste livro. Jacques Gauthier assumiu o papel de “facilitador” e/ou “mediador”¹ do processo coletivo de pesquisa, envolvendo mais doze pesquisadores(as). Formou-se um grupo plural.

Seis eram mestrands e mestrandas da linha de pesquisa Educação e Movimentos Sociais que iniciaram seus estudos em 1999. *Valmir*, proveniente de uma experiência de autogestão em Brusque, SC, estava interessado em pesquisar como a arte, especialmente a música, influencia a formação das pessoas no movimento popular. *Maria Lúcia*, Psicóloga, trabalhava na rede de ensino de Itajaí, SC, e queria pesquisar os processos de integração dos portadores de necessidades especiais na escola. *Beleni*, professora de Educação Física na Universidade Estadual do Mato Grosso, trabalhava na formação de professores indígenas e pesquisava as relações interculturais que se estabelecem na cultura corporal das crianças indígenas. *Patrícia* trabalhou em projetos de arte-educação em Porto Alegre e Florianópolis; pretendia pesquisar a arte como possibilidade pedagógica de

organização comunitária. *Suzy*, orientadora educacional, participava das lutas do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e pretendia pesquisar como se desenvolvem as relações educativas com as crianças nas atividades coletivas em um assentamento. *Vilmar*, professor na Escola Técnica Federal de Santa Catarina, focalizava, em sua pesquisa, os processos de exclusão dos surdos no âmbito social, cultural e educativo.

Outros dois mestrandos integraram o grupo pesquisador: *Valmor*, que vinha trabalhando em projetos alternativos de geração de renda e pretendia estudar a relação entre as propostas de economia solidária e a educação popular, e *Maurício*, professor da rede estadual de ensino, que estava pesquisando, em escolas de assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em Fraiburgo, SC, as mediações utilizadas pelos professores ao escolher instrumentos audiovisuais em suas atividades educacionais.

Mais três doutorandos articularam-se ao grupo. *Marcos*, atuante em diversas ONGs dedicadas à teologia e cultura negra, pesquisava as relações de saber e poder na comunidade cafuza de José Boiteux, SC, *Celso*, filósofo, investigava o ensino da filosofia no segundo grau, e *Valdo*, veterinário, preocupava-se com a educação ambiental na formação de professores.

Os professores Reinaldo e Jacques integraram-se ao grupo, trazendo suas experiências para articular a coordenação do trabalho do grupo, assim como para o debate e a reflexão da temática coletiva. *Jacques*, nascido numa região de minas de carvão na França, foi professor em Nova Caledônia, ex-colônia francesa do Pacífico, onde realizou pesquisas junto às comunidades indígenas (kanak) e defendeu tese de doutorado sobre as Escolas Populares Indígenas, nascidas na luta contra o colonialismo francês. No Brasil, desenvolveu a proposta da Sociopoética, a partir das pesquisas iniciadas em 1996 com enfermeiras na Escola de Enfermagem Anna Nery do Rio de Janeiro e com adolescentes favelados e educadores do projeto de Educação Popular “Servir”, no CEFET-Rio de Janeiro. *Reinaldo* tem se dedicado à pesquisa em educação popular, seja como participante ativo do Grupo de Trabalho Educação Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (ANPEd), seja como coordenador do Núcleo “MOVER – Educação Intercultural e Movimentos Sociais” da UFSC. Suas atenções estavam voltadas nesse momento para o estudo de processos de educação intercultural, particularmente nos movimentos sociais.

Era um grupo bastante heterogêneo: diferentes proveniências, diferentes práticas, diferentes interesses de pesquisa. Desencadear em

curto espaço de tempo um processo de pesquisa coletivo, envolvendo os diferentes pesquisadores e pesquisadoras, implicava em construir relações fluidas de poder e processos multirreferenciais de elaboração de saber. O desafio que se colocava no seminário – assim como na elaboração deste livro – era o de se transformar a multirreferencialidade em interreferencialidade ou *interferencialidade*. Isto é, cada interlocutor(a), ou autor(a), estabelece as relações com seus parceiros e parceiras, falando para todos os outros, com os outros e *entre* os outros e outras, ouvindo-as e participando assim na tecelagem de uma língua comum, talvez mestiça, cruzando e miscigenando as referências de cada um(a).

Contrariamente à prática acadêmica, imbuída da cultura hierárquica, a pesquisa sociopoética propõe a articulação autogestionária do grupo. O responsável pela pesquisa é o grupo. É o sujeito da pesquisa, no sentido que conduz a pesquisa sobre si mesmo. O facilitador – animador e mediador – traz suas propostas, participa do processo de elaboração e análise dos dados. Mas, o grupo pode ir explicitando outros projetos diferentes, mais ligados à sua realidade. Por isso, o pesquisador-facilitador precisa formar-se para desenvolver sua sensibilidade, de modo a ser capaz de apresentar intenções fluidas e criar espaços de acolhimento e de integração entre os diferentes pesquisadores. Cada um traz em si, em seu próprio corpo, saberes de raízes ancestrais, culturais, históricas. O processo de pesquisa pode favorecer a explicitação destes saberes, mediante a fricção com outros saberes, com saberes de outros sujeitos e de outros contextos culturais. *É na fricção entre saberes locais diferentes que se vão elaborando novos conceitos, novas categorias, novos modelos de significação.* O mesmo fenômeno pode ser interpretado a partir de vários referenciais. Só a compreensão *multi- e interreferencial* pode permitir entender a complexidade de cada fenômeno.

Assim, a perspectiva sociopoética de pesquisa propõe desenvolver o pensamento complexo, criando diferentes olhares e articulando diferentes referenciais e diferentes lógicas. Busca, por exemplo, articular o *mito* (que se expressa principalmente através da oralidade e da gestualidade) com a *teoria* (que se manifesta principalmente através da escrita). Trata-se de uma articulação entre formas contraditórias de saber. De um lado, o *mito* constitui um saber próprio de uma sociedade tradicional, representando uma temporalidade determinada pela continuidade e por um sentido sagrado, um saber que permanece ligado à vida e que não se distingue do não-

saber. De outro lado, a *teoria* resulta de uma sociedade em mudança, representando um saber caracterizado pela ruptura e pelo sentido laico, um saber que se distingue do não-saber e se distancia da vida. Ao se tentar articular, no processo de elaboração do conhecimento, saberes contraditórios entre si, como o *mito* e a *teoria*, a sociopoética assume o desafio de pensar a fluidez, os processos, as misturas e interferências entre as diferentes lógicas de interpretação dos fenômenos. Para isso, precisa criar dispositivos que favoreçam a tradução da cultura oral e gestual para a cultura escrita, precisa criar pontes entre o saber da vida e o saber escolar.

Após uma consistente exposição dos fundamentos teórico-metodológicos da sociopoética, Jacques propôs como referência temática, a pesquisa sobre as representações que cada um vinha desenvolvendo sobre as figuras do “negro, branco e índio”. Esta temática encontrava sintonia com as pesquisas desenvolvidas pela maioria do grupo, cujos interesses encontravam-se voltados, de uma forma ou de outra, para os segmentos sociais minoritários e excluídos em nossa sociedade.

Utilizando técnicas orientais de relaxamento e introspecção, o facilitador orientou os pesquisadores e pesquisadoras a fazer aflorar à mente suas representações sobre essas identidades étnicas. Em seguida, apoiando-se na idéia de Augusto Boal de “teatro imagem”, propôs que cada um(a) criasse uma imagem a ser, depois, representada por “esculturas” feitas com os corpos de parceiros. Este procedimento é relatado no primeiro texto deste livro.

Cada pesquisador(a) formulou imagens representando o branco, o negro e o índio em nosso contexto brasileiro. Alguns conceberam representações que indicavam a relação entre os três grupos étnicos. Outros pesquisadores representaram cada uma das etnias, separadamente. A apresentação de cada uma das imagens propiciou a explicitação de diferentes interpretações, por parte dos observadores. Os comentários foram sendo registrados em diários, tarefa assumida em rodízio pelos pesquisadores e pesquisadoras nas diferentes sessões de trabalho. Estas anotações foram utilizadas para elaborar relatos, análises e sínteses, retomadas parcialmente nos textos que compõem este livro.

A elaboração deste livro, portanto, foi resultado de um controverso processo de construção e de deliberação coletiva, que demonstra as dificuldades de práticas democráticas realizadas por

um grupo com interesses específicos. Concordamos todos e todas, enquanto grupo, com a proposta de produzir um veículo de socialização do trabalho do grupo. A princípio, pensava-se em elaborar coletivamente um artigo. No período que transcorreu entre abril e julho, o grupo reuniu-se diversas vezes para discutir textos produzidos pelos diferentes pesquisadores e pesquisadoras. Mas como consolidar um texto produzido a partir de pontos de vista diferentes? A dificuldade em encontrar uma metodologia adequada resultou tanto da dificuldade de conciliar horários comuns quanto nas limitações que cada um(a) traz ao se propor a dialogar com outros/as (diferentes). Nesta tentativa aprendemos, entre outras coisas, que para dialogarmos precisamos ceder e reconhecer nossos limites. Sem isso não conseguiremos construir com o outro. Construir “com” é uma tarefa difícil e que geralmente não trazemos em nossa experiência individual.

Já durante a segunda etapa do seminário, em julho, o grupo assumiu a decisão de compor um livro, com diferentes artigos, escritos individualmente ou em co-autoria. Alguns participantes do seminário decidiram não apresentar artigos. Faltavam-lhes condições objetivas para escrever dentro dos prazos estipulados, ou não se sentiam seguros/as para participar de um debate sobre um tema emergente como a sociopoética.

Muitos/as de nós retomamos os textos escritos na primeira fase do seminário, fizemos leituras complementares e depois reescrevemos várias vezes nossos textos com o objetivo de adequá-los ao leitor e ao objetivo desejado pelo grupo. Outros/as de nós ficaram no primeiro texto e outros/as decidiram não publicar, neste momento, suas idéias. Enquanto grupo-pesquisador, porém, construímos uma história de pesquisa que marcou-nos a todos e todas de maneira especial. Constituímo-nos como grupo e este fato ampliou nossas relações como colegas pesquisadores em parcerias posteriores.

A mediação entre os escritos e seus autores/autoras para a elaboração da publicação do livro foi uma tarefa delicada e demorada. Foram muitas idas e vindas para que no final, os textos em seu conjunto fossem compilados num livro. Também não é simples articular os meios e os recursos institucionais para editar a publicação.

Este livro representa a intenção de discutir as questões provocadas por uma experiência de pesquisa sociopoética, que apontam para uma forma coletiva de construir o saber, que exige novos paradigmas. Como afirma Jacques em seu primeiro texto, com nossas produções

12 • Reinaldo Matias Fleuri

conseguimos ir além do esperado no trabalho de um seminário especial. Não foram elaborados somente paradoxos, conflitos e esquematizações. Os/as participantes tiveram a oportunidade de ressignificar a pesquisa, seu sentido político, filosófico e ético, construindo cooperativamente um conhecimento crítico relevante.

Por um longo período, os manuscritos produzidos permaneceram “na gaveta”, esperando para serem compilados, revistos e, enfim, publicados. Ao retomar agora, com um certo distanciamento, os textos produzidos sobre esta experiência sociopoética, é possível perceber melhor seus limites e seus sentidos. Não obstante seus evidentes limites – característicos de uma coletânea de textos que retratam, sob diferentes pontos de vistas, fragmentos de uma experiência – o livro traz à baila um tema emergente, apontando novas questões e novas perspectivas teórico-metodológicas na pesquisa em educação. É esta a razão pela qual criamos a coragem de apresentar em público traços desta experiência sociopoética, com o desejo de iniciar com você, leitor e leitora, um diálogo crítico e fecundo.

Florianópolis, maio de 2001

Notas

- 1 A elaboração da introdução, assim como compilação e organização dos originais para a publicação deste livro, contaram com a colaboração de Reinaldo Matias Fleuri, Beleni Saléte Grando e Jacques Gauthier.
- 2 Alguns sociopoetas preferem falar de “facilitador”, situando-se assim na herança de Rogers, outros de “mediador”, em referência a Vygotsky. Já existem tensões interessantes e não queremos viver a história guerreira bem conhecida das polêmicas internas, e sim alianças e aliagens diferenciadores, no respeito dos princípios básicos da sociopoética. Como se verá neste livro, uma autoria coletiva enfatiza tanto as epistemologias convergentes como as filosofias diferenciadoras.



Neste capítulo tenta-se situar brevemente a sociopoética em relação a pensadores aliados, que orientam a reflexão e a prática de intelectuais comprometidos nas lutas populares: Marilena Chauí, Antonio Gramsci e Michel Foucault. Esses autores, e outros como Gilles Deleuze e Félix Guattari ou Michel Serres, afirmam teses que são tantas balizas para se discutir o que pode ser uma prática de pesquisa emancipatória. Entre Gramsci e Foucault aparecem notadamente tensões interessantes: o poder não existe como objeto a tomar e compartilhar ou como espaço a ocupar e abrir, e sim é disseminado em todas as esferas da vida, inclusive cotidiana (Foucault). Mas todo ponto onde percebemos efeitos de poder é silenciosa ou ruidosamente animado pela potência das multinacionais, do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, através de mediações culturais e de contradições institucionais complexas (Gramsci). Nossa pesquisa foi percorrida por esses efeitos de poder, sendo analisadora de alguns.

CAPÍTULO 6

A RECIPROCIDADE DE OLHARES ENTRE DIFERENTES CULTURAS

Implicações para a construção da identidade
pessoal e do pertencimento coletivo

Reinaldo Matias Fleuri

O saber é relação. Na construção do saber, o uso de imagens permite ouvir a interpretação dos outros, que podem ser contrárias entre si e mesmo em relação à intencionalidade segundo a qual foi elaborada. Isto significa, por um lado, que ao interpretar a imagem do outro, projetamos nossos modelos de interpretação. Por outro lado, a interpretação dos outros coloca interrogações que permitem ver aspectos invisíveis a partir de nosso ponto de vista.

Assim tentaremos começar a elaborar uma análise da relação entre diferentes olhares. Agora focalizaremos apenas as imagens representadas no grupo sobre a *relação entre as etnias*, assim como as que representam especificamente o *Negro*, procurando identificar as intenções dos respectivos *autores* com as interpretações dos *espectadores* sobre as mesmas imagens. Ensaaiaremos uma identificação das imagens predominantes e os modelos de interpretação emergentes.

Não chegamos, neste texto, a analisar também as imagens apresentadas e interpretadas sobre o Índio e o Branco, nem verificamos sua relação com os modelos utilizados para a interpretação do Negro.

Outra limitação deste texto decorre das dificuldades encontradas no processo de análise das informações. Por exemplo, nos registros dos debates ocorridos no grupo, não constam as descrições das imagens apresentadas pelos participantes. Isto induz, na análise, a uma “abstração” dos conceitos, sem possibilidade de confrontação com a imagem a que se refere. Corre-se, com isso, o risco de se projetar modelos de interpretação do leitor, mais do que identificar os que emergem no debate.

Este risco é aumentado pelo fato de que as anotações representam fragmentos dos comentários. Ao se “preencher as lacunas” com o próprio raciocínio, o leitor pode projetar a sua interpretação e ressignificar o discurso segundo seus próprios “pré-conceitos”.

De uma certa maneira, esse limite possui um lado positivo, pois facilita a expressão das idéias “já prontas”, das representações não críticas, da “ideologia espontânea” do nosso meio profissional de pesquisadores ligados ao movimento social e à educação popular. Aí entendemos claramente que a pesquisa sociopoética pode tomar duas direções diferentes, seja privilegiando a crítica lúcida das ideologias e do inconsciente histórico-social, seja buscando o que está emergindo no processo contraditório, dialético, de construção cooperativa do conhecimento, *dentro* das poéticas sociais, claras e escuras ao mesmo tempo.

Imagens que representam as relações entre grupos étnicos

Quatro imagens representaram (salvo melhor lembrança) as relações entre grupos étnicos no Brasil.

- A intenção da Suzy de representar a busca de juntar as lutas comuns, respeitando as diferenças, foi entendida, além do processo de união de etnias, como um processo de marginalização do branco / do preto / do índio. A união das três raças lembra um encontro, que não foi tranqüilo, um pouco artificial, que revela uma utopia sem direção coletiva.

- Valmor quis representar a realidade brasileira em que o mestre é estrangeiro. O grupo realçou que há um centro organizador (a política branca, capitalista), voltado para seus interesses, despreocupado com os outros, com dificuldade de entendê-los ou reconhecê-los (a índia foi ignorada; o índio está fora da sociedade; os negros, presentes, criando espaços).

- Reinaldo quis representar o negro com seu espaço de ação limitado pelo branco e o índio voltado para a natureza e o misticismo. O grupo projetou a idéia de igreja abençoando a exploração do povo, ou de alguém dando ordens a alguém que executa sobre o outro, ou ainda, a de mãe natureza abençoando o índio e o negro. Por outro lado, identificou na imagem a idéia,

pensada pelo autor, de pescar dentro de uma pequena bacia; obrigação de estar preso num lugar limitado. O grupo manifestou a dificuldade de identificar a representação das três raças. Talvez porque a imagem pretendesse representar uma hierarquia espacial e temporal no sentido superior-inferior: Índio > Negro > Branco, enquanto o grupo só aceitasse imaginar o branco no topo da hierarquia?

- A imagem do Celso quis representar justamente a relação entre o trabalho e o ócio no sentido de uma classe explorando a outra (o branco sobre o índio e o negro). O grupo percebeu a representação como indicativa da relação de uma classe (ociosa) explorando a outra. Esta relação foi identificada com a exploração das raças (índio, negro) ou mesmo na chave da relação de gênero: contemplação da mulher: o homem fazendo algo repetitivo.

Nas interpretações destas quatro imagens aparece um modelo hierárquico de compreensão da relação (conflitual) entre três grupos étnicos. A figura do branco aparece sempre na posição superior, de explorador, subjogador do negro e do índio. Este modelo hierárquico de interpretação da relação evidencia-se, tanto na interpretação que confirma a intenção do autor da imagem (que representa a relação hierárquica de dominação e exploração) quanto nos casos em que o grupo projeta este mesmo significado em oposição à intenção dos autores das imagens, que pretendiam representar um esforço de *união de lutas, respeitando as diferenças* (Susy) ou uma relação de ancestralidade que representa o índio como a figura mística em posição ereta e superior. A dificuldade que o grupo manifestou de ver nesta imagem (em que o índio aparecia em uma posição relevante) a própria relação entre raças, confirma a presença deste modelo hierárquico de interpretação, segundo o qual o branco subjuga o negro, enquanto o índio é quase excluído, esquecido. Verifica-se, pois, um modelo hierárquico de relação, em cujo topo aparece a figura do branco.

Análise das intenções e interpretações das imagens do Negro

A imagem do Vilmar teve a intenção de representar, na figura do negro, o *desabrochar espiritual, o estar juntos*. Mas o grupo acrescentou, ao caráter espiritual e coletivo da ação, a luta (*arrebrandando*

correntes), a paciência histórica (*a busca coletiva mas paciente*), a divisão e a hierarquização do trabalho (*tendo um líder comunitário, apontando caminhos vinculados à terra*).

- *A idéia - representada por Marcos - de que o negro é lindo, é ternura e guerreiro foi captada pelo grupo, que enfatizou a tensão entre o ser acolhedor e a luta. A idéia do guerreiro que tem no ventre a família toda e a associação da mulher com a imagem que segura o trabalhador com fome induzem a imaginar ternura como indicativo da solidariedade de classe (escravo no trabalho) na luta contra a força do senhor do engenho. A cara de baiana com a oferenda a Deus indica a cultura, voltada à religiosidade.*

- *Valmir quis representar o negro como um guerreiro que luta e tem a força de resistir. Quis evidenciar também que na cultura "há uma dinâmica da privacidade e da integração no ser". O grupo captou a idéia de resistência e a interpretou como a ação de "organizar as coisas e facilidade para acolher". A dinâmica da cultura é imaginada como um círculo, com uma relação entre dentro e fora. Na direção para o interior, percebem-se movimentos de organização interna, de um lado, como "rodar sem saída", "um impedimento de algo", "não permitindo a relação com os outros". Por outro lado, como base para a relação com o exterior. Esta pode ter o sentido de "acolhimento", ou então "posição guerreira", "levar para fora", "avançar", ou ainda de "conflito (de dentro para fora)".*

- *Patrícia quis representar, num gesto de dança afro, em roda, a oferenda e luta. O grupo percebeu a idéia de luta como "posições de resistência (grupo de pessoas se protegendo, se mantendo fechado) ataque, avanço". Nesta direção, a imagem que traria a idéia de oferenda parece ter sido reinterpretada como arremesso, ataque, avanço.*

Nas imagens e interpretações do Negro, aparece um modelo de interpretação da cultura em duas dimensões: uma dimensão *interior* e outra dimensão da *relação* com o exterior. Na dimensão interior aparece o misticismo, a paciência histórica, a ternura, a solidariedade, a organização

interna. Na relação da etnia com o exterior, aparecem três movimentos de resistência e luta: acolhimento, fechamento (autopreservação) e ataque.

Na consideração da figura específica do Negro, aparece um modelo de percepção que – embora polarizado na oposição entre o “dentro” e o “fora” – configura-se de modo relativamente dinâmico e complexo, seja no enfoque do interior da cultura seja na sua relação com os outros grupos.

Assim parece que, ao considerar o conjunto das relações culturais entre o negro, índio e branco, o grupo pesquisador manifesta um modelo hierárquico de interpretação, que atribui de maneira rígida a posição central ao Branco. Enquanto que, ao considerar a figura do negro em si, o grupo pesquisador revela um modelo mais dinâmico e complexo de interpretação de suas relações internas e externas.

Explicitar-se-á o mesmo modelo (dinâmico), ao se considerar a figura do índio e do branco?

Algumas outras questões estão ainda abertas: em que medida a imagem do Negro se constitui como projeção de características opostas às que são atribuídas ao branco? Ou vice-versa? Estará sendo acionado no grupo, ao considerar as relações interétnicas, o dispositivo epistemológico que funciona segundo a *lógica das oposições binárias* típica do pensamento moderno ocidental, ou estarão emergindo outras lógicas discursivas?

Com efeito, parece que, ao se refletir sobre as categorias de Branco, Índio e Negro, atribuídas aos grupos étnicos que constituíram o povo brasileiro, a diversidade e a complexidade dos grupos sociais e das pessoas – com suas histórias, culturas, etnias específicas – são reduzidas e simplificadas de modo tal que não mais indicam processos sociais, históricos e culturais precisos, mas passam a catalisar a projeção de atributos deduzidos por oposição às características de outros grupos. A contradição entre as interpretações da mesma imagem talvez esteja a indicar este *confronto* de significados: a imagem proposta com a intenção de representar o misticismo do índio é interpretada como a Igreja que abençoa a exploração; a relação de ternura da mulher negra para com o seu homem é interpretada como submissão machista; um gesto de oferenda é interpretado como ataque, etc.

Através deste estudo sociopoético, percebe-se que, no processo em que as comunidades são definidas (e se definem), ocorre o enfrentamento entre diferentes e conflitantes concepções de vida social.

Questões epistemológicas emergentes

Um dos problemas epistemológicos que emergem neste conflito entre concepções de vida social é o de identificar-se e identificar o outro pela negação. O *branco* identifica-se por *oposição* ao *índio*, ou então ao *negro*. E vice-versa. As especificidades e a complexidade dos grupos sociais e das pessoas tornam-se invisíveis, na medida em que os sujeitos coletivos e singulares são definidos pelo que *não são*: o *branco* é identificado como o *não-índio* e o *não-negro*.

Em decorrência da *negatividade* destas categorias, do fato de não indicarem processos sociais, históricos e culturais precisos, elas catalisam a projeção de atributos deduzidos por oposição às características gerais e abstratas projetadas no “outro” (inclusive quando esse *outro* é *branco* como nós, quando ele está vivendo em nós e que o combatemos, por Ele ser o Opressor). Vê-se a religiosidade dessa abordagem, induzida pelo próprio tema da pesquisa. Mas o próprio facilitador-mediador Jacques está assumindo esse ponto de partida da pesquisa, que induz claramente projeções um pouco caricaturais, justificando-se no fato de que as imagens que temos da realidade social não são constituídas por conceitos cientificamente relevantes, e sim de categorizações rígidas e não dialéticas, até ilusórias, e que são operatórias na vida prática, precisamente por causa da sua simplicidade. Como disse Nietzsche, a vida e a ação alimentam-se de fortes ilusões. Será que não coexistem em nós, pesquisadores voltados para os movimentos sociais populares, altas exigências científicas e idéias bastante simples expressando e orientando nossas revoltas, nossa paixão pela justiça e pela liberdade?

A presente pesquisa mostrou a coexistência desses aspectos, e foi portanto uma aprendizagem interessante para todos, por sua força de interrogação crítica. Ao se ver as coisas a partir de um ângulo diferente, destaca-se que podemos tranqüilamente assumir, como pesquisadores, um devir-índio, um devir-índia ou um devir-negra, um devir-criança... conforme enfatizaram Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, freqüentemente citados por sociopoetas¹. Aí se trata de correr na linha fraca, dominada, oprimida, excluída, na nossa vida conceitual. É uma exigência política e ética – e sabemos desde Marx que a linha oprimida é uma boa analisadora das contradições sociais, mesmo se sabemos muito bem que a cor da pele ou as características físicas são indicadores ambíguos da *raça*: do

ponto de vista biológico, não há diferenças significativas entre os seres humanos de diferentes *raças*. Mesmo as diferenças relativas do ponto de vista étnico e cultural apresentam-se como efeito de processos complexos de *miscigenação* em contínua evolução, sendo indicadores voláteis de identidade ou pertença étnica. Assim, precisamos examinar o sentido que essas palavras assumem, mas precisamos examinar sobretudo como esses sentidos, que se pretende descritivos, se transformam em categorias hierarquicamente organizadas em circunstâncias econômicas, políticas e sociais determinadas. Por exemplo: que sentidos estão imbricados nas palavras *branco, negro, português* em nosso contexto?

Sem renunciar aos devires-fracos que valorizamos nas nossas escolhas políticas e sem se enganar sobre o lugar de relevância dessa escolha: ela é força de desterritorialização, ela é *desejo*. Ela não é identificação, ela não é território. Na nossa construção cognitiva coletiva podemos vivenciar um *dever-negra*, não *somos* negras. *Ser negra*, ou *ser branco*, isso não tem nenhum sentido científico. Somos fluxos de poder, ondas de saber, nuvens de conhecimentos, mais ou menos congelados, mais ou menos voláteis ou líquidos. Aí pesquisar é, portanto, desenvolver e desterritorializar mil e três formas de *miscigenação*, tanto fora de nós quanto dentro de nós.

Nota

- 1 Ver o trabalho apresentado na 23ª Reunião anual da ANPEd (GT Educação Popular) por BATISTA, Maria Geovanda (UNEB) e GAUTHIER, Jacques (UFBA). Educação popular: uma pesquisa sociopoética com crianças trabalhadoras na Costa do Descobrimento, tomando a filosofia de Deleuze e Guattari como método de produção e leitura pluricultural dos dados. *Anais da 23ª Reunião da ANPEd*. Caxambu, 2000. Publicação digitalizada em Compact Disc.